

# **Um coração singelo**

**Gustave Flaubert**

Durante meio século, as burguesas de Pont-l'Évêque invejaram a Sra. Aubain por causa de sua criada Felicidade.

Por cem francos ao ano, ela cozinhava e fazia a limpeza da casa, cosia, lavava, passava a ferro; sabia enfrear um cavalo, engordar as aves, bater manteiga, e permaneceu fiel à sua patroa – que, no entanto, não era pessoa agradável.

Esta desposara um belo moço sem recursos, que morrera no começo do ano de 1809, deixando-lhe dois filhos muito novos e algumas dívidas. Vendeu, então, os imóveis, exceto a fazenda de Toucques e a de Geffosses, cujas rendas iam, quando muito, a 5.000 francos, e deixou sua casa de Saint-Melaine, mudando-se para outra menos dispendiosa, que pertencera a seus parentes, situada atrás do mercado.

Esta casa, revestida de ardósias, ficava entre uma travessa e uma ruela confinada com o rio. No interior dela havia diferenças de nível que faziam tropeçar. Um estreito vestíbulo separava a cozinha da sala onde a Sra. Aubain passava o dia inteiro, sentada à janela, numa poltrona de palhinha. Junto aos lambris, pintados de branco, alinhavam-se oito cadeiras de mogno. Um velho piano suportava, sob um barômetro, uma pilha piramidal de caixinhas e de cartões. Duas poltronas de tapeçaria, estilo Luís XV, flanqueavam a lareira de mármore amarelo. Ao centro, o relógio de pêndulo representava um templo de Vesta – e o aposento todo cheirava um pouco a mofo, pois o soalho ficava em nível mais baixo que o jardim.

No andar térreo encontrava-se primeiramente o quarto da senhora, muito amplo, forrado com papel de flores pálidas, e no qual se via o retrato do senhor em traje de janota. Comunicava-se com um quarto menor, onde havia duas caminhas de criança, sem colchões. A seguir vinha o salão, sempre fechado, e repleto de móveis cobertos com pano. Depois, um corredor dava para um escritório; livros e papelada guarneciam as prateleiras de uma biblioteca, que rodeava, pelos seus três lados, uma grande escrivaninha de madeira preta. Os dois painéis em relevo desapareciam sob desenhos a bico de pena, guaches representando paisagens, e gravuras de Audran, lembranças de tempos melhores e de um luxo exaurido. No segundo andar, uma claraboia alumiaava o quarto de Felicidade, dando vista para os campos.

Ela se levantava logo ao alvorecer, para não perder a missa, e trabalhava sem descanso até à noite; depois, terminado o jantar, a louça em ordem e a porta bem fechada, escondia a acha de lenha sob as cinzas e adormecia em frente à lareira,

com o rosário na mão. Ninguém se mostrava mais obstinado no regatear. Quanto ao asseio, o polimento de suas caçarolas deixava desesperadas as outras criadas. Poupada, ela comia devagar, e com o dedo juntava, na mesa, as migalhas do seu pão – um pão de quase seis quilos, cozido só para ela, e que durava vinte dias.

Em todas as estações do ano usava um lenço de chita preso às costas por um alfinete, uma touca a ocultar-lhe os cabelos, meias cinzentas, um saiote vermelho, e por cima da blusa um avental com babador como as enfermeiras de hospital.

Seu rosto era magro e sua voz aguda. Aos vinte e cinco anos, parecia ter quarenta. Dos cinquenta em diante já não demonstrava nenhuma idade; – e, sempre silenciosa, o talhe certo e gestos comedidos, parecia uma mulher de madeira, que funcionasse automaticamente.

Tivera, como qualquer outra, a sua história de amor.

O pai, pedreiro, morrera por ter caído de um andaime. Depois morreu-lhe a mãe, suas irmãs se dispersaram, um fazendeiro a recolheu e passou a ocupá-la, ainda bem pequena, em guardar as vacas no campo. Tiritava sob os andrajos, bebia, de bruços, a água dos charcos, era espancada sem mais nem menos, e acabou sendo despedida por causa de um furto de trinta soldos que não cometera. Foi trabalhar em outra fazenda, onde tomava conta do galinheiro, e, como agradava os patrões, os seus colegas ficaram com ciúmes.

Numa noite de agosto (tinha, então, dezoito anos), eles a arrastaram à festa de Colleville. Sentiu-se logo atordoada, atônita com a algazarra dos músicos ambulantes, as luzinhas nas árvores, o variegado dos trajes, as rendas, as cruces de ouro, aquela massa humana a pular ao mesmo tempo. Mantinha-se discretamente retraída, quando um moço de aparência abastada, que fumava cachimbo com os cotovelos apoiados no volante de uma carreta, veio convidá-la a dançar. Ofereceu-lhe sidra, café, bolacha, um lenço de pescoço, e, imaginando que ela entendia o que ele queria, prontificou-se a levá-la para casa. À beira de um aveal, derrubou-a brutalmente. Ela ficou apavorada e pôs-se a gritar. Ele afastou-se.

Outra noite, na estrada de Beaumont, ela quis ultrapassar um grande carro de feno que avançava lentamente, passando rente às rodas, reconheceu Teodoro.

O rapaz abordou-a com ar calmo, dizendo-lhe que devia perdoar tudo, pois aquilo fora “por culpa da bebida”.

Felicidade não soube o que responder e sentia vontade de fugir.

Então ele falou das colheitas e das pessoas importantes da comuna, pois seu pai tocara Colleville pela fazenda dos Écots, de forma que agora eles eram vizinhos.

– Ah! – disse ela.

Ele acrescentou que desejavam casá-lo. Mas não tinha pressa nenhuma, só esperava encontrar uma companheira a seu gosto. Felicidade baixou a cabeça. Então ele lhe perguntou se ela pensava em casamento. Ela replicou, sorrindo, que não ficava bem zombar.

– Mas não, eu lhe juro!

E com o braço esquerdo envolveu-a; ela caminhava suspensa em seu abraço; desaceleraram a marcha. O vento era brando, as estrelas brilhavam, a enorme carrada de feno oscilava diante deles; e os quatro cavalos, arrastando os passos, levantavam poeira. Depois, a esmo, viraram à direita. Ele abraçou-a mais uma vez. Ela desapareceu na sombra.

Na semana seguinte, Teodoro conseguiu encontros com ela.

Encontravam-se no fundo dos quintais, atrás de um muro, sob uma árvore isolada. Ela não tinha a inocência das senhoritas – os animais haviam-na instruído –; mas a razão e o instinto da honra impediram-na de ceder. Essa resistência exasperou o amor de Teodoro, a tal ponto que, para satisfazê-lo (ou ingenuamente, talvez), propôs-se a desposá-la. Ela hesitava em dar-lhe crédito. Ele fez grandes juramentos.

Não tardou muito o rapaz confessou-lhe uma coisa desagradável: seus pais, no ano anterior, tinham pago a outro moço para prestar o serviço militar em seu lugar; mas de um dia para o outro poderiam levá-lo, e a ideia de servir como soldado apavorava-o. Esta fraqueza foi para Felicidade uma prova de ternura; e a sua redobrou. Ela escapava-se de noite, e, chegada ao lugar do encontro, Teodoro torturava-a com suas inquietações e suas insistências.

Por fim ele anunciou que iria pessoalmente à Prefeitura pedir informações, e as traria no domingo seguinte, entre onze horas e meia-noite.

Chegado o momento, ela correu ao encontro com o namorado.

Em seu lugar, encontrou um dos amigos dele.

Soube por este que ela não deveria vê-lo mais. Para livrar-se da conscrição, Teodoro desposara uma velha muito rica, a Sra. Lehoussais, de Touques.

Foi um desgosto pungente. Jogou-se no chão, gritou, clamou por Deus, e gemeu sozinha no campo até o sol raiar. Depois retornou à fazenda, declarou sua intenção de a deixar; e, no fim do mês, feitas as contas, botou toda a sua pequena bagagem num lenço e encaminhou-se para Pont-l'Évêque.

Em frente à estalagem, abordou uma burguesa com um chapéu de viúva, e que andava exatamente à procura de uma cozinheira. A moça não sabia grande coisa, mas parecia ter boa vontade e tão poucas exigências que a Sra. Aubain terminou dizendo:

– Está bem, eu a aceito!

Quinze minutos depois, Felicidade estava instalada em casa da Sra. Aubain.

A princípio viveu numa espécie de tremor, provocado pelo “jeito da casa” e pela lembrança do senhor, que pairava sobre tudo! Paulo e Virgínia, um de sete anos, a outra de apenas quatro, pareciam-lhe feitos de matéria preciosa; ela os carregava às costas como um cavalo, e a Sra. Aubain a proibiu de beijá-los a cada instante, o que a mortificou. No entanto, sentia-se feliz. A suavidade do ambiente dissipara-lhe a tristeza.

Todas as quintas-feiras vinham pessoas amigas jogar uma partida de boston. Felicidade preparava com antecedência as cartas e os aquecedores de pés. Chegavam às oito horas em ponto e retiravam-se antes de soarem as onze.

Cada segunda-feira, pela manhã, o quinquilheiro que morava sob a aleia expunha no chão a sua sucata. Depois a cidade enchia-se de um zumbido de vozes, em que se misturavam relinchos de cavalos, balidos de cordeiros,

grunhidos de porcos, ao ruído seco das carroças na rua. Lá pelo meio-dia, quando o mercado fervia, via-se aparecer na soleira um velho camponês de grande estatura, com o boné para trás, o nariz adunco: era Robelin, o caseiro de Geffosses. Pouco depois, era a vez de Liébard, o caseiro de Toucques, pequeno, rubicundo, obeso, envergando uma jaqueta cinza e com perneiras de couro com esporas.

Ambos ofereciam à proprietária galinhas ou queijos. Felicidade, invariavelmente, frustrava-lhes as astúcias; e eles iam embora cheios de consideração por ela.

De vez em quando, a Sra. Aubain recebia a visita do Marquês de Gremenville, um de seus tios, que, arruinado pela devassidão, vivia em Falaise no último pedaço de suas terras. Aparecia sempre na hora do almoço, com um horrível cachorrinho, cujas patas sujavam todos os móveis. Apesar dos seus esforços para parecer fidalgo, a ponto de tirar o chapéu toda vez que dizia “Meu falecido pai”, ele, levado pelo hábito, bebia um copo atrás do outro, e soltava inconveniências. Felicidade empurrava-o para fora com delicadeza: “Por hoje já chega, Sr. de Gremenville! Até à próxima!” E fechava a porta.

Abria-a com prazer ao Sr. Bourais, antigo procurador. A gravata branca e a calvície, os folhos da camisa, o amplo redingote pardo, a maneira de cheirar rapé arredondando o braço, toda a sua pessoa produzia-lhe essa perturbação em que nos lança o espetáculo dos homens extraordinários.

Como ele administrava as propriedades da senhora, fechava-se com ela horas a fio no escritório do senhor, e temia sempre comprometer-se, respeitava infinitamente a magistratura, tinha pretensões de latinista.

Para instruir as crianças de maneira agradável, presenteou-as com uma geografia ilustrada. As gravuras representavam diferentes cenas do universo, antropófagos com plumas na cabeça, um macaco arrebatando uma mocinha, beduínos no deserto, uma baleia ao ser arpoada, etc.

Paulo explicou essas gravuras a Felicidade. Foi esta, aliás, toda a sua educação literária.

A das crianças era ministrada por Guyot, um pobre-diabo empregado na Prefeitura, famoso por sua bela caligrafia, e que aafiava o canivete na botina.

Quando fazia bom tempo, iam logo bem cedo à fazenda de Geffosses.

O pátio é em declive, a casa no meio; e o mar ao longe, parece uma mancha cinzenta.

Felicidade tirava do cesto fatias de carne fria, e almoçavam num compartimento contíguo à queijaria. Era o que restava de uma residência de férias, agora extinta. O papel das paredes, em frangalhos, tremia às correntes de ar. A Sra. Aubain baixava a cabeça, sobrecarregada pelas recordações; as crianças não ousavam mais abrir a boca. “Vão brincar, vão!” dizia-lhes a mãe; e elas saíam correndo.

Paulo subia ao celeiro, apanhava passarinhos, atirava pedras nos charcos para vê-las ricochetear, ou batia com um pau nos bojudos tonéis, que ressoavam como tambores.

Virgínia dava de comer aos coelhos, precipitava-se para colher centáureas azuis, e a rapidez de suas pernas descobria-lhe as calcinhas bordadas.

Numa tarde de outono, voltaram pelas pastagens.

A lua, em crescente, iluminava uma parte do céu, e o nevoeiro fluuava como uma gaze sobre as sinuosidades do Toucques. Estendidos na grama, os bois olhavam placidamente para aqueles quatro transeuntes. No terceiro pasto alguns se ergueram e os rodearam.

– Não tenham medo! – disse Felicidade.

Murmurando uma espécie de lamento, ela afagou o lombo do que se achava mais perto; ele deu meia volta, os outros o imitaram. Mas depois de atravessarem o pasto seguinte, ouviu-se um tremendo mugido. Era um touro que o nevoeiro ocultava. Avançou para as duas mulheres. A Sra. Aubain ia correr.

– Não! não! Mais devagar!

No entanto, elas apressavam o passo, e ouviam atrás um sopro ruidoso que se aproximava. Os cascos do animal batiam, como martelos, na erva do prado; e agora ele galopava! Felicidade voltou-se e começou a arrancar com ambas as mãos punhados de terra, que lhe atirava aos olhos. O touro baixava o focinho, sacudia os chifres e tremia de furor, mugindo terrivelmente. A Sra. Aubain, nos confins da pastagem, com os seus dois pequenos, procurava, apavorada, transpor a cerca. Felicidade continuava recuando diante do touro sem parar de lançar torrões que o cegavam, e sempre gritando:

– Vão depressa! Vão depressa!

A Sra. Aubain desceu o fosso, empurrou primeiro Virgínia depois Paulo, caiu diversas vezes tentando escalar o talude, o que por fim conseguiu à força de coragem.

O touro acuara Felicidade contra outra cerca; a baba esguichava-lhe no rosto; um segundo mais e ele a estripava. Ela mal teve tempo de se esgueirar entre duas estacas, e o animal imenso, surpreso, estacou.

Durante muitos anos este acontecimento foi assunto de conversa em Pont-Évêque. Felicidade não se orgulhava disso; nem imaginava, sequer, que houvesse feito nada de heroico.

Sua ocupação exclusiva era Virgínia; em consequência do pavor por que passou, adveio-lhe uma afecção nervosa, e o Dr. Poupart recebeu os banhos de mar de Trouville.

Naquele tempo eles não se davam com muitas pessoas. A Sra. Aubain tomou informações, consultou Bourais, fez preparativos como para uma longa viagem.

A bagagem seguiu na véspera, na carreta de Liébard. No dia seguinte ele trouxe dois cavalos, um dos quais tinha um silhão, munido de um espaldar de

veludo; na garupa do segundo uma capa enrolada formava uma espécie de assento. A Sra. Aubain montou no cavalo, atrás dele. Felicidade encarregou-se de Virginia, e Paulo escarranchou-se no burro do Sr. Lechaptois, emprestado sob condição de cuidarem bem dele.

A estrada era tão ruim que os seus oito quilômetros exigiram duas horas. Os cavalos enterravam-se na lama até as canelas, e faziam, para sair, súbitos movimentos de garupa, ou tropeçavam nos sulcos deixados pelas rodas dos carros; outras vezes, tinham de pular. Em certos trechos, a égua de Liébard empacava. Ele esperava pacientemente que ela recomeçasse a andar; e falava das pessoas cujas propriedades margeavam a estrada, acrescentando à história delas reflexões morais. Assim, no centro de Touques, como passassem sob janelas orladas de capuchinhas, ele disse, levantando os ombros: “Aí está uma Sra. Lehoussais, que em vez de pegar um moço...” Felicidade não ouviu o resto; os cavalos trotavam, o burro galopava; enfiaram-se todos por um atalho, uma porteira se abriu, apareceram dois rapazes, e todos apearam-se diante do esterco úmido, justo na soleira da porta.

A velha Liébard, assim que viu sua senhora, desmanchou-se toda em demonstrações de alegria. Serviu-lhe um almoço em que havia lombo de vaca, tripas, chouriço, um fricassé de frango, sidra espumante, uma torta de geleia, ameixas com aguardente, tudo acompanhado de cortesias à Senhora, que “parecia melhor de saúde”, à Senhorita que tornara “magnífica”, ao Sr. Paulo especialmente “forte”, sem esquecer os seus defuntos avós, que os Liébard haviam conhecido, pois já estavam a serviço da família há várias gerações. A fazenda possuía, como eles, um ar de antiguidade. As vigotas do teto estavam carunchosas, as paredes negras de fumaça, os ladrilhos cinzentos de poeira. Um aparador de carvalho suportava toda espécie de utensílios: jarros, pratos, tigelas de estanho, armadilhas para lobo, tesouras de tosquiar carneiros; uma seringa enorme fez rir os meninos. Não havia uma árvore, nos três pátios, que não tivesse cogumelos na base, ou nos ramos um tufo de visco. O vento derrubara várias delas. Tinham rebrotado pelo meio; e todas vergavam sob a quantidade das maçãs. Os telhados de palha, iguais a veludo pardo, e de espessura desigual, resistiam aos mais fortes vendavais. Entretanto, a cocheira desabava em ruínas. A Sra. Aubain disse que tomaria providências, e mandou que arreassem de novo os animais.

Levaram ainda uma meia hora antes de alcançar Trouville. A pequena caravana apeou-se para passar as Écores; era uma falésia que se alteava sobre embarcações; e três minutos depois, na extremidade do cais, entraram no pátio do Cordeiro de Ouro, estalagem da velha David.

Virginia, desde os primeiros dias, sentiu-se menos fraca, resultado da mudança de ares e da ação dos banhos de mar. Tomava-os de camisa, à falta de roupa de banho adequada; e sua criada a vestia na cabana de um guarda alfandegário que



servia aos banhistas.

À tarde, iam com o burro para além das Roches-Noires, do lado de Hennequeville. O atalho, a princípio, subia entre terrenos ondulados como o gramado de um parque, e dava para um planalto onde se alternavam pastagens e terras lavradas. À beira do caminho, no labirinto dos silvados, erguiam-se azevinhos; aqui e ali, uma grande árvore morta fazia, com seus ramos, ziguezagues no ar azul.

Quase sempre repousavam num prado, à esquerda do qual ficava Deauville, o Havre à direita e em frente o alto-mar. Este brilhava ao sol, liso como um espelho, tão sereno que mal se lhe ouvia o murmurar; pardais escondidos pipilavam, e a abóbada imensa do céu recobria tudo. A Sra. Aubain, sentada, trabalhava nas suas costuras; ao lado dela, Virgínia trançava juncos; Felicidade colhia flores de alfazema; Paulo, que se entediava, queria partir.

Outras vezes, atravessavam o Touques de barca, e iam à cata de conchinhas. A maré baixa deixava a descoberto ouriços do mar, águas-vivas, medusas; os pequenos corriam para agarrar flocos de espuma impelidos pelo vento. As ondas adormecidas, caindo sobre a areia, desenrolavam-se ao longo da praia, que se estendia a perder de vista, mas do lado da terra tinha por limite as dunas que a separavam do Marais, vasto prado em forma de hipódromo. Quando eles vinham por lá, Trouville, ao fundo, no declive do outeiro, crescia a cada passo, e com todas as suas casas desiguais parecia desabrochar numa feliz desordem.

Nos dias de muito calor, não saíam do quarto. A deslumbrante claridade lá de fora punha listas de luz entre as tabuinhas das persianas. Nenhum ruído na aldeia. Embaixo, na calçada, ninguém. Este silêncio espriado aumentava a tranquilidade das coisas. Ao longe, os martelos dos calafates chocavam-se de encontro às quilhas, e uma brisa pesada trazia o odor do alcatrão.

O principal divertimento era a volta das barcas. Mal ultrapassavam as balizas, entravam a bordejar. As velas desciam até dois terços dos mastros; e, com a mezena inflada como um balão, avançavam, deslizavam no marulhar das ondas, até o meio do porto, onde a âncora caía de repente. Depois a embarcação atracava. Os marujos atiravam para a borda a carga de peixes palpitantes; uma fila de carretas esperava-os, e mulheres de touca de algodão precipitavam-se para pegar os cestos e abraçar os seus homens.

Uma delas, certo dia, abordou Felicidade, que, pouco depois, entrou em seu quarto, muito contente. Reencontrara uma irmã; e Anastácia Barette, mulheres de Leroux, apareceu com uma criança de peito ao colo, segurando com a mão direita outro pequeno, e tendo à sua esquerda um grumetizinho de mãos nos quadris e boina sobre a orelha.

Passados quinze minutos, a Sra. Aubain mandou-a embora.

Eram sempre vistos nas imediações da cozinha, ou quando saíam a passeio. O marido não aparecia.

Felicidade tomou-se de afeição por eles. Comprou-lhes um cobertor, camisas, um fogão; era evidente que a exploravam. Essa fraqueza irritava a Sra. Aubain, a quem, aliás, não agradavam as familiaridades do sobrinho de Felicidade – pois tratava seu filho de você – e, como Virgínia tossia e a estação já não estava boa, voltou a Pont-l'Évêque.

O Sr. Bourais orientou-a quanto à escolha de um colégio. O de Caen tinha fama de ser o melhor. Paulo foi mandado para lá; e despediu-se sem hesitar, satisfeito de ir viver numa casa onde teria companheiros.

A Sra. Aubain conformou-se com o afastamento do filho, visto que era indispensável. Virgínia, aos poucos, foi-se esquecendo dele. Felicidade sentia saudades de sua algazarra. Mas uma ocupação veio distraí-la: desde o Natal, todos os dias levava a menina às aulas de catecismo.

Depois de fazer, à porta, uma genuflexão, ela avançava sob a alta nave entre a dupla fila das cadeiras, abria o banco da Sra. Aubain, sentava-se, e passeava os olhos à sua volta.

Os rapazes à direita, as moças à esquerda, enchiam os assentos do coro; o cura mantinha-se em pé ao lado da estante de leitura; num vitral da abside, o Espírito Santo pairava sobre a Virgem; outro mostrava-a de joelhos ante o Menino Jesus, e, atrás do tabernáculo, um grupo de madeira representava São Miguel vencendo o dragão.

O padre começou por fazer um resumo da História Sagrada. Ela tinha a impressão de ver o Paraíso, o dilúvio, a torre de Babel, cidades em chamas, povos que morriam, ídolos tombados; e desse deslumbramento conservou o respeito do Altíssimo e o temor de sua cólera. Depois, chorou escutando a Paixão. Por que o tinham crucificado, a ele que amava as crianças, alimentava as multidões, curava os cegos, e bondosamente quisera nascer entre os pobres, no estrume de um estábulo? As sementeiras, as ceifas, os lagares, todas essas coisas familiares de que fala o Evangelho encontravam-se na sua vida; a passagem de Deus santificara-as; e ela amou com maior ternura os cordeiros por amor do Cordeiro, as pombas por causa do Espírito Santo.

Difícil para ela era imaginar a pessoa deste; pois ele não era somente pássaro, mas também um lume, e por vezes um sopro. É talvez esse seu lume que esvoaça pela noite à margem dos brejos, o seu hálito que impele as nuvens, a sua voz que torna os sinos harmoniosos; e ela entregava-se à adoração, gozando a frescura das paredes e a tranquilidade da igreja.

Quanto aos dogmas, nada compreendia deles, nem sequer tratava de compreender. O cura discorria, os meninos recitavam, ela acabava por adormecer; e de repente acordava quando eles, ao sair, faziam ressoar os tamancos nas lajes.

Foi desta maneira, assim à força de ouvi-lo, que ela aprendeu o catecismo, pois, quando jovem, sua educação religiosa fora negligenciada; desde então, imitou todas as práticas de Virgínia: jejuava e confessava-se como ela. No dia da festa de *Corpus Christi*, fizeram juntas um altar para a procissão.

A primeira comunhão atormentava-a antecipadamente. Andava em grande agitação por causa dos sapatos, do rosário, do livro, das luvas. Com que tremor ajudou a Sra. Aubain a vestir Virgínia.

Durante toda a missa, sentiu-se angustiada. O Sr. Bourais ocultava-lhe um lado do coro; mas, bem à frente, o rebanho das virgens com coroas brancas sobre os

véus descidos formava como um campo de neve; e de longe ela reconhecia a que rida menina pelo pescoço delicado e sua postura concentrada. O sino tocou. As cabeças se curvaram; reinou o silêncio. Ao som do órgão, os cantores e a multidão entoaram o *Agnus Dei*; em seguida, principiou o desfile dos rapazes; e, depois deles, as meninas se levantaram. Passo a passo, de mãos postas, dirigiam-se para o altar todo iluminado, ajoelhando-se no primeiro degrau, recebiam a hóstia sucessivamente, e na mesma ordem voltavam aos seus genuflexórios. Ao chegar a vez de Virgínia, Felicidade inclinou-se para vê-la; e, com a imaginação que brota das ternuras verdadeiras, pareceu-lhe ser ela mesma aquela criança; seu semblante se tornava o de Felicidade, seu vestido a vestia, seu coração batia no peito dela; no momento de abrir a boca, cerrando as pálpebras, quase desmaiou.

No dia seguinte, bem cedo, ela apresentou-se na sacristia para que o Sr. Cura lhe desse a comunhão. Recebeu-a com devoção, mas não experimentou as mesmas delícias.

A Sra. Aubain queria fazer da filha uma criatura perfeita; e, como Guyot não podia ensinar-lhe nem inglês nem música, resolveu interná-la nas Ursulinas de Honfleur.

A menina não fez a menor objeção. Felicidade suspirava, achando a senhora insensível. Depois, ponderou que talvez ela tivesse razão. Estas coisas ultrapassavam a sua competência.

Finalmente, um dia, parou à porta um velho carro e dele desceu uma religiosa que vinha buscar a menina. Felicidade pôs a bagagem no tejadilho do carro, fez recomendações ao cocheiro, e colocou dentro de um baú seis vidros de geleia e uma dúzia de peras, com um ramo de violetas.

No último instante, Virgínia ficou muito emocionada, e soluçando, abraçava a mãe que, beijando-lhe a fronte, repetia: “Vamos! Coragem! Coragem!” Levantaram o estribo, o veículo partiu.

Então a Sra. Aubain desmaiou; e à noite, todos os seus amigos, o casal Lormeau, a Sra. Lechaptois, as Srtas. Rochefeuille, os Srs. De Houpeville e Bourais, apresentaram-se para consolá-la.

De começo, foi-lhe muito dolorosa a falta da filha. Mas três vezes por semana recebia dela uma carta, nos outros dias lhe escrevia, passeava no jardim, lia um pouco, e assim enchia o vazio das horas.

Pela manhã, habitualmente, Felicidade entrava no quarto de Virgínia, e olhava as paredes. Aborrecia-se de já não ter de lhe pentear o cabelo, atar-lhe as botinas, aconchegá-la na cama – e de já não ver continuamente o seu gracioso rosto, de não mais segurá-la pela mão quando saíam juntas. Para preencher o seu ócio, tentou fazer renda. Seus dedos, muito pesados, rompiam os fios; sentia-se desajeitada, perdera o sono, estava, segundo ela mesma dizia, “minada”.

Para se ocupar, pediu licença para receber seu sobrinho Vítor.

Ele chegava todos os domingos, depois da missa, de faces rosadas, o peito nu, e exalando o odor do campo que atravessara. Imediatamente ela punha-lhe a mesa. Almoçavam frente a frente; e, comendo ela o mínimo possível para poupar despesas, enchia-o de comida a tal ponto que ele acabava adormecendo. Ao primeiro toque das vésperas, despertava-o, escovava-lhe as calças, fazia-lhe o nó da gravata, e lá ia para a igreja, apoiada em seu braço com um orgulho maternal.

Os pais do rapaz encarregavam-no sempre de tirar dela alguma coisa – quer fosse um pacote de açúcar mascavo, ou sabão, aguardente, às vezes até mesmo dinheiro. Ele trazia suas roupas velhas para a tia remendar; e ela aceitava essa tarefa, feliz por ver nisso um motivo que o forçava a voltar.

No mês de agosto, seu pai o encaminhou à navegação de cabotagem.

Era a época das férias. A chegada dos meninos consolou-a. Mas Paulo tornava-se caprichoso, e Virgínia já não estava em idade de ser tratada por Felicidade, o que punha entre as duas um constrangimento, uma barreira.

Vítor foi sucessivamente a Morlaix, a Dunquerque e a Brighton; ao regressar de cada viagem, trazia-lhe um presente: a primeira vez, uma caixinha feita de conchas; a segunda, uma xícara para café; a terceira, um grande boneco de pão de mel. Ia-se tornando bonito, tinha um corpo elegante, um começo de bigode, olhos francos e bons, um chapeuzinho de couro jogado para trás, como um piloto. Divertia-a contando-lhe histórias mescladas de termos marítimos.

Uma segunda-feira, 14 de julho de 1819 (ela não esqueceu a data), Vítor anunciou que estava escalado para longa viagem, e dois dias depois, à noite, pelo barco de Honfleur, alcançaria a sua escuna, que não tardaria a levantar ferro do Havre. Ficaria, talvez, uns dois anos ausente.

A perspectiva de tal ausência entristeceu Felicidade; e para se despedir dele uma vez mais, na noite de quarta-feira, após o jantar da senhora, calçou as galochas e devorou as quatro léguas que separam Pont-l'Évêque de Honfleur.

Ao chegar diante do Calvário em vez de tomar à esquerda, tomou à direita, perdeu-se nos estaleiros, refez todo o caminho; pessoas a quem se dirigiu animaram-na a se apressar. Contornou a doca cheia de navios, chocando-se contra as amarras; depois o terreno baixou, entrecruzaram-se luzes, e ela pensou ter ficado louca ao avistar cavalos no céu.

Outros relinchavam, à beira do cais, apavorados com o mar. Um guincho que os levantava colocava-os numa barca, onde se acotovelavam passageiros entre barricas de sidra, cestas de queijo, sacos de sementes; ouviam-se cacarejos de galinhas, o capitão praguejando; e um grumete ficava lá de cotovelo apoiado no turco, indiferente a tudo ao seu redor. Felicidade, que não o reconhecera, gritava: “Vítor!” – ele levantou a cabeça; ela ia se atirar, quando, de repente, retiraram a escada.

O barco, que mulheres a cantar, puxavam com cordas ao longo da margem,

deixou o porto. Sua carcaça estalava, ondas pesadas fustigavam-lhe a proa. A vela virara, não se viu mais ninguém; – e, sobre o mar prateado pela lua, ele projetava uma negra mancha que foi empalidecendo cada vez mais, afastou-se, e desapareceu.

Felicidade, passando perto do Calvário, quis recomendar a Deus o que ela possuía de mais caro; e rezou demoradamente, de pé, a face banhada em lágrimas, olhos voltados para as nuvens. A cidade dormia, funcionários aduaneiros passeavam; e caía água sem parar pelos buracos da comporta, com um ruído de torrente. Soaram duas horas.

O parlatório não abriria antes do dia raiar. Um atraso, evidentemente, contrariaria a senhora; e apesar do seu desejo de abraçar outra criança, ela voltou. As criadas da estalagem estavam acordando quando ela entrou em Pont-l'Évêque.

E lá ia o pobre rapazinho rolar durante meses sobre as ondas! Suas viagens anteriores não a tinham atemorizado. Da Inglaterra e da Bretanha a gente voltava; mas a América, as Colônias, as Ilhas, isso se perdia numa região incerta, no outro extremo do mundo.

A partir daí, Felicidade pensava exclusivamente no sobrinho. Nos dias de sol, atormentava-se com a sede; se havia tempestade, temia que um raio o atingisse. Ouvindo o vento que rosnava na chaminé e levava as ardósias, ela via-o atacado por essa mesma tormenta, no cimo de um mastro destroçado, todo o corpo para trás, sob uma camada de espuma; ou então – lembrança da geografia com gravuras – ele era comido pelos selvagens, apanhado numa floresta por macacos, agonizava ao longo de uma praia deserta. Mas ela nunca falava de suas apreensões.

A Sra. Aubain tinha as suas, a respeito da filha.

As irmãs achavam que ela era afetuosa, mas de saúde delicada. A menor emoção a enervava. Teve de abandonar o piano.

Sua mãe exigia do convento uma correspondência regular. Numa manhã em que o carteiro não apareceu, ela se impacientou, e pôs-se a caminhar na sala, da poltrona para a janela. Era realmente extraordinário! Quatro dias sem notícias!

Para consolá-la com o seu exemplo, Felicidade lhe disse:

– Pois eu, senhora, há seis meses que não recebo nenhuma!...

– De quem mesmo?...

A criada replicou timidamente:

– Mas... do meu sobrinho!

– Ah! Seu sobrinho! – E, dando de ombros, a Sra. Aubain retomou o seu passeio, como que dizendo: “Eu nem me lembrava dele!... Além do mais, pouco me importa! Um grumete, um pé rapado, veja só!... Enquanto que minha filha!... Imagina!...”

Felicidade, embora acostumada com a rudeza, ficou indignada com a senhora;

mas depois esqueceu.

Ela compreendia que alguém pudesse ficar daquele jeito por causa da menina.

As duas crianças tinham importância igual; um liame de seu coração as unia, e o destino delas devia ser o mesmo.

O farmacêutico informou-a de que o barco de Vítor chegara a Havana. Ele lera a notícia num jornal.

Por causa dos charutos, Havana, para ela, era um país em que não se fazia outra coisa senão fumar, e Vítor circulava entre negros numa nuvem de tabaco. Será que daria “em caso de necessidade” voltar de lá por terra? A que distância ficava de Pont-l’Évêque? Para sabê-lo, ela perguntou ao Sr. Bourais.

Este pegou o atlas, e começou a dar-lhe explicações sobre longitudes; e exibiu um grande sorriso pedante em face do espanto de Felicidade. Por fim, com sua lapiseira, indicou nos recortes de uma mancha oval, um ponto negro, imperceptível, acrescentando: “É aqui.” Ela se inclinou sobre o mapa; aquela rede de linhas coloridas cansava-lhe a vista, sem nada lhe ensinar; e como Bourais a incitasse a dizer o que a embaraçava, ela pediu que lhe mostrasse a casa onde morava Vítor. Bourais levantou os braços, espirrou, riu para valer; um tal candura excitava-lhe a alegria; e Felicidade não entendia a reação dele – ela que talvez esperasse até ver o retrato do sobrinho, de tal maneira era de inteligência limitada.

Passados quinze dias, Liébard, à hora habitual das compras, entrou na cozinha, e entregou-lhe uma carta que lhe mandava seu cunhado. Como nenhum dos dois soubesse ler, ela recorreu à senhora.

A Sra. Aubain, que contava as malhas de um tricô, colocou-o de lado, abriu a carta, estremeceu, e, em voz baixa, com olhar profundo:

– É uma desgraça... que lhe anunciam. O seu sobrinho...

Ele morrerá. Era só o que dizia a carta.

Felicidade caiu numa cadeira, apoiando a cabeça no tabique, e fechou as pálpebras, que de repente ficaram róseas. Depois, com a fronte baixa, as mãos pendentes, o olhar fixo, repetia, de quando em quando:

– Pobre menino! Pobre menino!

Liébard observava-a, suspirando. A Sra. Aubain tremia um pouco.

Propôs-lhe que fosse ver a irmã, em Trouville.

Felicidade respondeu, com um gesto, que ela não precisava disso.

Houve um silêncio. O bom do Liébard achou por bem retirar-se.

Disse ela, então:

– Para eles isso não conta!

Sua cabeça descaiu outra vez, e maquinalmente ela levantava, de vez em quando, as longas agulhas da mesa de costura.

Algumas mulheres passaram no pátio carregando uma padiola com roupa branca, que gotejava.

Ao vê-las pelos vidros da janela, lembrou-se da sua barrela; tendo-a escorrido na véspera, devia enxaguá-la nesse dia; e saiu do aposento.

Sua prancha e sua vasilha estavam à beira do Toucques. Atirou sobre o talude um monte de camisas, arregaçou as mangas, pegou do batedouro, e as pancadas que dava eram ouvidas em todos os jardins das redondezas. Os prados estavam desertos, o vento agitava o rio; ao fundo, ervas altas se debruçavam sobre ele, como cabeleiras de cadáveres flutuando. Ela controlava o seu sofrimento: até à noite mostrou-se muito firme; mas, no seu quarto, entregou-se à dor, de bruços sobre o colchão, com o rosto no travesseiro, e os punhos apertando as frentes.

Muito mais tarde, soube, pelo próprio comandante de Vitor, as circunstâncias de sua morte. Tinham-no sangrado em excesso no hospital, por causa da febre amarela. Quatro médicos o seguravam. Morrera instantaneamente, e o chefe dissera:

– Pronto, mais um!

Seus pais sempre o haviam tratado com crueldade. Ela preferiu não voltar a vê-los; e eles também não fizeram nada para se encontrarem, por descaso, ou por insensibilidade de gente miserável.

Virgínia definhava.

Sufocações, tosse, febre permanente, as maçãs do rosto marmorizadas revelavam alguma afecção profunda. O Dr. Poupart aconselhara uma temporada na Provença. A Sra. Aubain concordou, e teria feito voltar a filha logo para casa, não fosse o clima de Pont-l'Évêque.

Contratou os serviços de um alugador de carros para levá-la todas as terças-feiras ao convento. Há no jardim um terraço de onde se avista o Sena. Ali, Virgínia passeava de braço dado com ela, sobre as folhas de pâmpano caídas. Às vezes o sol, atravessando as nuvens, forçava-a a piscar, enquanto olhava as velas ao longe e todo o horizonte, desde o castelo de Tancarville até os faróis do Havre. Depois repousavam sob o caramanchão. Sua mãe comprara um pequeno barril de excelente vinho de Málaga; e, rindo à ideia de ficar tonta, bebia dois dedos, nada mais.

Retomou forças. O outono escoou-se suavemente. Felicidade tranquilizava a Sra. Aubain. Mas, numa tarde em que fora fazer compras nas proximidades, encontrou diante da porta o cabriolé do Dr. Poupart; ele estava no vestíbulo. A Sra. Aubain atava o chapéu.

– Traga o meu aquecedor de pés, minha bolsa e as luvas. Depressa!

Virgínia estava com pneumonia; a situação parecia desesperadora.

– Ainda não é! – disse o médico; e os dois subiram no veículo, sob um turbilhão de flocos de neve. A noite ia baixando. O frio era intenso.

Felicidade correu para a igreja, a fim de acender uma vela. Depois se lançou em perseguição do cabriolé, que alcançou ao cabo de uma hora, agarrou-se rápido por trás, dependurando-se na beirada, quando de repente refletiu: “O pátio



não estava fechado! E se entrassem ladrões?” E apeou-se.

No dia seguinte, logo ao amanhecer, foi ao consultório do médico. Ele voltara para casa, e retornara ao campo. Ela ficou na estalagem, acreditando que desconhecidos lhe trariam uma carta. Finalmente, mal clareou, tomou a diligência de Lisieux.

O convento era no fundo de um beco escarpado. Já a meio caminho, ouviu sons estranhos, um dobrar de sinos de finados. “É por outros”, pensou; e Felicidade puxou violentamente a aldraba.

Passaram-se alguns minutos, um arrastar de chinelos, a porta se entreabriu, e uma religiosa apareceu.

A freira, com ar compungido, disse que “ela acabava de deixar este mundo”. Enquanto isso, o dobre de Saint-Léonard aumentava.

Felicidade chegou ao segundo andar.

Da soleira do quarto, avistou Virgínia estendida, de mãos postas, a boca aberta, e a cabeça descaída para trás sob uma cruz negra que se inclinava para ela, entre as cortinas imóveis, menos pálidas que o seu semblante. A Sra. Aubain, ao pé do leito, a que estava abraçada, soltava soluços de agonia. A Superiora achava-se de pé, à direita. Três castiçais, na cômoda, faziam manchas vermelhas e o nevoeiro clareava as janelas. A Sra. Aubain foi levada por algumas religiosas.

Durante duas noites, Felicidade não deixou a defunta. Repetia as mesmas orações, aspergia água-benta sobre os lençóis, tornava a sentar-se, e ficava a contemplá-la. Passada a primeira vigília, notou que o rosto amarelecera, os lábios arroxearam, o nariz se afilava, os olhos se encovavam. Beijou-os várias vezes e não teria sentido grande espanto se Virgínia os houvesse reaberto; para almas assim o sobrenatural é visto com simplicidade. Vestiu-a, envolveu-a na mortalha, desceu-a no ataúde, colocou-lhe uma coroa, estendeu-lhe os cabelos. Eram louros, e extraordinariamente longos para a idade da menina. Felicidade cortou uma boa mecha, pondo a metade no seio, decidida a nunca mais se separar deles.

O corpo foi levado para Pont-l'Évêque, segundo a vontade da Sra. Aubain, que acompanhava a carruagem fúnebre, num carro fechado.

Após a missa, foram precisos ainda três quartos de hora para chegar ao cemitério. Paulo ia à frente, soluçando. O Sr. Bourais vinha atrás, em seguida as pessoas mais importantes, as mulheres, cobertas de mantilhas pretas, e Felicidade. Ela pensava no sobrinho, e, não tendo podido prestar-lhe essas homenagens, aumentava ainda mais a sua tristeza, como se o enterrasse junto com a menina.

O desespero da Sra. Aubain não teve limites.

No começo ela se revoltou contra Deus, achando-o injusto por lhe haver tirado a filha – ela que nunca praticara o mal e cuja consciência era tão pura! Mas não! Deveria tê-la levado para o Sul. Outros médicos a teriam salvo! Acusava-se,

queria ir juntar-se à filha, gritava desesperada no meio de seus sonhos. Um destes, principalmente, a obsediava. Seu marido, vestido de marinheiro, retornava de uma longa viagem e dizia-lhe chorando, que recebera ordem de levar Virgínia. Então eles se juntavam para arranjar um esconderijo nalgum lugar.

Uma vez, ela voltou do jardim transtornada. Naquele mesmo instante (e mostrava o lugar) pai e filha haviam-lhe aparecido juntos, e não faziam nada; só faziam olhá-la.

Durante vários meses permaneceu no quarto, inerte. Felicidade ralhava com ela brandamente; devia viver, para seu filho, e para a outra, em lembrança “dela”.

– Ela? – replicava a Sra. Aubain, como que despertando. – Ah! sim!... sim!... Você não a esquece!

Alusão ao cemitério, que lhe haviam escrupulosamente proibido.

Felicidade todos os dias ia lá.

Às quatro horas em ponto, ia rente às casas, subia a encosta, abria a porteira, e chegava ao túmulo de Virgínia. Era uma pequena coluna de mármore róseo, uma laje como base, e rodeada de correntes que encerravam um jardimzinho. As molduras desapareciam sob uma cobertura de flores. Regava-lhes as folhas, renovava a areia, punha-se de joelhos para melhor revolver a terra. Quando a Sra. Aubain pôde ir ao cemitério, sentiu um alívio, uma espécie de consolo.

Os anos foram passando, todos iguais e sem outros episódios a não ser a repetição das grandes festas: a Páscoa, a Assunção, o dia de Todos os Santos. Acontecimentos domésticos assinalavam uma data que mais tarde servia como referência. Assim, em 1825, dois vidraceiros taparam com massa os buracos do vestibulo; em 1827, parte do telhado caiu no pátio, e quase matou um homem. No verão de 1828, coube a Sra. Aubain oferecer o pão bento; por essa altura, Bourais ausentou-se misteriosamente; e as antigas relações pouco a pouco foram desaparecendo: Guyot, Liébard, a Sra. Lechaptois, Robelin, o tio Gremenville, havia muito tempo já paralítico.

Certa noite, o condutor da diligência anunciou em Pont-l'Évêque a Revolução de Julho. Alguns dias depois, foi nomeado um novo subprefeito: o Barão de Larsonnière, ex-cônsul na América, e que tinha em casa, além da mulher, a cunhada com três filhas, já bem crescidas. Podiam ser vistas na grama do jardim, com blusas esvoaçantes; possuíam um negro e um papagaio. A Sra. Aubain, depois da visita deles não deixou de retribuí-la. Mal apareciam ao longe, Felicidade apressava-se logo em preveni-la. Mas só uma coisa era capaz de comovê-la: as cartas do filho.

De tão absorvido que andava nos botequins, ele não podia seguir nenhuma carreira. A mãe pagava-lhe as dívidas; ele contraía outras; e os suspiros que soltava a Sra. Aubain, tricotando ao pé da janela, chegavam até Felicidade, que

girava a sua roda de fiar na cozinha.

Passeavam juntas ao longo das fileiras de árvores; e conversavam sempre sobre Virgínia se perguntando se tal coisa lhe agradaria, o que ela teria dito em determinada situação.

Todos os pequenos objetos dela encontravam-se no armário do quarto de duas camas. A Sra. Aubain evitava ao máximo examiná-los. Num dia de verão ela cedeu; e do armário voaram borboletas.

Os vestidos de Virgínia estavam alinhados sob uma prancha onde havia três bonecas, arcos, uma casinha, a bacia que usava. Retiraram igualmente as anáguas, as meias, os lenços, e estenderam tudo sobre as camas, antes de voltarem a dobrar. O sol iluminava essas pobres coisas, mostrava as manchas, e as dobras formadas pelo movimento do corpo. O ar era quente e azul, um melro gorjeava, tudo parecia viver numa doçura profunda. Elas encontraram um chapeuzinho de pelúcia, de longos pelos, castanho; mas estava todo comido de traça. Felicidade pediu-o para si. Os olhos de ambas se fixaram uma na outra, e se encheram de lágrimas; enfim, a patroa abriu os braços e a criada atirou-se neles; e abraçaram-se muito, satisfazendo sua dor em um beijo que as irmanava.

Isto acontecia pela primeira vez na vida de ambas, pois a Sra. Aubain não era de natureza expansiva. Felicidade ficou-lhe grata como por um benefício, e desde então a estimou com um devotamento irracional, e uma veneração religiosa.

A bondade de seu coração aumentou ainda mais.

Ao ouvir na rua os tambores de um regimento em marcha, punha-se à porta com uma moringa de sidra, e dava de beber aos soldados. Cuidou dos vitimados pela cólera. Protegia os poloneses; e houve até um que a quis desposar. Mas eles se aborreceram um com o outro; porque certa manhã de volta da igreja, onde fora rezar o Ângelus, ela encontrou-o na cozinha, onde entrara furtivamente e temperara com vinagre um prato que comia com toda a calma.

Depois dos poloneses, foi a vez do tio Colmiche, um velho conhecido por ter feito horrores em 93. Morava à beira do rio, nos escombros de um chiqueiro. Os garotos espiavam-no pelas fendas da parede e atiravam-lhe pedras que caíam no catre onde ele jazia, continuamente sacudido pelo catarro, de cabelos muito compridos, pálpebras inflamadas, e no braço um tumor maior que a sua cabeça. Ela arranhou-lhe alguma roupa, tratou de limpar-lhe a pocilga, cogitava instalá-lo junto ao forno, sem que ele incomodasse a senhora. Quando o tumor estourou, ela fez-lhe curativo todos os dias; às vezes levava-lhe bolacha, punha-o ao sol sobre um monte de palha; e o pobre velho, babando e tremendo, agradecia-lhe com um fio de voz; temendo perdê-la, estendia os braços assim que ela se afastava. Morreu; ela mandou rezar missa pelo repouso de sua alma.

Naquele dia, adveio-lhe uma grande felicidade: à hora do jantar, chegou o negro da Sra. de Larsonnière, trazendo o papagaio na gaiola, com o poleiro, a

corrente e o cadeado. Um bilhete da baronesa participava à Sra. Aubain que, tendo seu marido sido nomeado para uma prefeitura, partiam nessa noite, e pedia-lhe para aceitar aquele pássaro como lembrança, em testemunho de sua consideração.

Há muito tempo que ele ocupava a imaginação de Felicidade, pois vinha da América! E esta palavra lhe fazia lembrar Vítor; por isso perguntava sempre pelo bicho ao negro. Chegou até, uma vez, a dizer:

– Minha patroa é que ficaria contente com aquele papagaio!

O negro repetiu estas palavras à sua patroa que, não podendo levar o pássaro consigo, dele se desfazia desse modo.

Chamava-se Lulu. Seu corpo era verde, a ponta das asas cor-de-rosa, a testa azul e a garganta dourada.

Mas tinha a cansativa mania de morder o poleiro, arrancava-se as penas, espalhava suas sujidades, espargia a água da sua banheira; a Sra. Aubain, a quem ele irritava, deu-o para sempre a Felicidade.

Ela começou a instruí-lo; e não tardou muito o papagaio já repetia: “Rapaz simpático! Seu criado, senhor! Ave Maria!” Colocado ao pé da porta, muitos se admiravam de ele não atender por Jacquot, pois todos os papagaios se chamavam Jacquot. Achavam-no um bobo, um bicho sem graça: isto era punhalada para Felicidade! Estranha teimosia a de Lulu: ficava mudo assim que olhavam para ele!

No entanto procurava companhia; pois aos domingos, enquanto as Srtas Rochefeuille, o Sr. de Houpeville e novos frequentadores da casa, Onfroy, o boticário, o Sr. Varin e o Capitão Mathieu jogavam sua partida de cartas, ele batia na vidraça com as asas, e debatia-se tão furiosamente que era impossível alguém escutar outra coisa.

A Cara de Bourais, na certa, devia parecer-lhe muito engraçada. Assim que o avistava, desatava a rir, a rir até mais não poder. A estridência de sua voz ecoava no pátio, os vizinhos chegavam à janela, riam-se também; para não ser visto pelo papagaio, o Sr. Bourais passava rente às paredes, dissimulando o seu perfil com o chapéu, alcançava o rio, depois entrava pela porta do jardim; e os olhares que atirava à ave não eram nada ternos.

Uma vez Lulu levou um piparote do empregado do açougue, por ter ousado enfiar a cabeça no cesto dele; e desde então Lulu sempre tentava beliscá-lo através da camisa. Fabu ameaçava torcer-lhe o pescoço, apesar de não ser cruel, como poderiam fazer crer a tatuagem dos seus braços e as vastas suíças. Pelo contrário! Tinha até um certo fraco pelo papagaio, a ponto de querer, por brincadeira, ensinar-lhe insultos. Felicidade, horrorizada com essas maneiras, pôs o bicho na cozinha. Tirada a corrente, ele começou a circular pela casa.

Quando descia a escada, apoiava nos degraus a curva do bico, erguia a pata direita, em seguida a esquerda; e ela temia que uma tal ginástica lhe causasse tonturas. Ele ficou doente, parando de falar e de comer. Tinha sob a língua uma espécie de crosta como costumam ter as galinhas. Ela o curou, arrancando-lhe essa película com as unhas. Um dia o Sr. Paulo cometeu a imprudência de soprar-lhe nas narinas a fumaça de um charuto; outra vez, como a Sra. Lormeau o cutucasse com a ponta da sombrinha, ele abocanhou-lhe a virola; por fim,

desapareceu.

Ela pusera-o na grama para tomar ar fresco, e ausentou-se por alguns instantes; quando voltou, o papagaio tinha sumido! Começou por procurá-lo nas moitas, à beira do rio e nos telhados, sem dar ouvidos à patroa que lhe gritava: “Tome cuidado! Você é louca!” Depois, correu todos os jardins de Pont-Évêque; e detinha os transeuntes: “Será que não viu, por acaso, o meu papagaio?” Aos que não conheciam o bicho, ela o descrevia. Num relance, pensou ter avistado por trás dos moinhos, embaixo da encosta, uma coisa verde esvoaçando. Mas no alto da encosta, nada! Um vendedor ambulante lhe afirmou tê-lo encontrado pouco antes, em Saint-Melaine, na loja da velha Simon. Correu para lá. Ninguém entendeu o que ela queria. Finalmente, voltou para casa, esgotada, com as chinelas rotas, a alma em pedaços; e, sentada no meio do banco, perto da patroa, contava todas as suas buscas, quando um leve peso lhe caiu no ombro: Lulu! Por onde esse diabo teria andado? Talvez a passear pelas redondezas!

Custou a refazer-se do choque, ou melhor, nunca mais se refez.

Em consequência de um resfriado, contraiu uma angina; pouco depois, dor de ouvidos. Passados três anos estava surda; e falava muito alto, até na igreja. Ainda que os seus pecados pudessem, sem desonra para ela, nem inconveniente para a sociedade, propagar-se a todos os cantos da diocese, o Sr. Cura achou por bem não ouvi-la mais em confissão a não ser na sacristia.

Zumbidos ilusórios aumentavam ainda mais sua perturbação. A senhora muitas vezes lhe dizia: “Meu Deus! Como você é boba!”, e ela respondia: “Sim, senhora!” procurando algo à sua volta.

O limitado círculo de suas ideias restringiu-se bastante, e o carrilhão, o mugido dos bois, para ela deixaram de existir. Todos os seres funcionavam com o silêncio dos fantasmas. Agora, um único ruído chegava aos seus ouvidos: a voz do papagaio.

Como para a distrair, ele imitava o ruído da máquina de assar carne, o chamado agudo do peixeiro, o serrote do marceneiro em frente; e, ao ouvir os toques da campainha, fazia como a Sra. Aubain: “Felicidade! A porta! A porta!”

Mantinha diálogos, ele declamando até a exaustão as três frases do seu repertório, e ela respondendo-lhe com palavras sem muito sentido, mas em que punha muito do seu coração. Em seu isolamento, Lulu era como um filho, um namorado. Pulava-lhe nos dedos, mordiscava-lhe os lábios, pendurava-se na sua mantilha; e, quando ela inclinava a fronte agitando a cabeça ao jeito das babás, as grandes asas da touca e as asas da ave estremeciam juntas.

Quando se amontoavam nuvens e o trovão ribombava, ele dava gritos, lembrando-se talvez da chuvarada de sua floresta natal. O jorrar da água levava-o ao delírio; esvoaçava desvairado, subia ao teto, derrubava tudo, e pela janela, ia chafurdar no jardim; mas não tardava a voltar para cima das colunas da lareira,

e, saltitante para secar as penas, exibia ora a cauda, ora o bico.

Numa manhã do terrível inverno de 1837 em que ela o pusera diante da lareira, por causa do frio, encontrou-o morto, no meio da gaiola, com a cabeça para baixo e as unhas nos arames. Uma congestão o matou – quem sabe? Ela chegou a pensar em envenenamento por meio de salsa; e, apesar da inexistência de quaisquer provas, suas suspeitas recaíram sobre Fabu.

Chorou tanto que a patroa lhe disse:

– Mande-o empalhar, ora!

Aconselhou-se com o farmacêutico, que sempre fora bondoso com o papagaio.

Ele escreveu para o Havre. Um certo Fellacher encarregou-se da tarefa. Mas, como por vezes a diligência extraviava as encomendas, ela resolveu levá-lo pessoalmente até Honfleur.

As macieiras desfolhadas sucediam-se à beira da estrada. Os fossos estavam cobertos de gelo. Ladravam cães à volta das fazendas; e com as mãos sob a capa, os tamanquinhos pretos e o cesto, ia ligeira, pelo meio da estrada.

Atravessou a floresta, transpôs o Haut-Chêne, alcançou Saint-Gatien.

Atrás dela, numa nuvem de poeira, uma diligência em disparada precipitava-se pela ladeira como um ciclone. Vendo aquela mulher que parecia alheada, o boleiro ergueu-se acima da capota, com o mensageiro gritando também, enquanto os quatro cavalos, que ele não podia deter, aceleravam a marcha; os dois primeiros passaram-lhe rentes; com um puxão de rédeas, atirou-os para um lado da estrada, mas furioso, levantou o braço, e a toda a força, com seu enorme chicote vibrou-lhe do ventre à nuca um tal golpe que ela caiu de costas.

Seu primeiro gesto, quando recuperou os sentidos, foi abrir o cesto. Nada acontecera a Lulu, felizmente. Sentiu arder-lhe a bochecha direita; ao passar as mãos, viu-as vermelhas. O sangue escorria.

Sentou-se num monte de pedras, enxugou a cara com o lenço, depois comeu uma crosta de pão, que pusera no cesto por precaução e consolava-se da ferida contemplando o papagaio.

Chegada ao cimo de Ecquemauville, divisou as luzes de Honfleur que cintilavam na noite como um chão de estrelas. O mar, mais além, espalhava-se confusamente. Então, uma fraqueza a deteve; e a miséria da sua infância, a decepção do primeiro amor, a partida do sobrinho, a morte de Virgínia, como ondas de maré, reapareceram ao mesmo tempo e, subindo-lhe à garganta, sufocavam-na.

Depois, quis falar ao comandante do navio; e, sem dizer o que enviava, fez-lhe recomendações.

Fellacher ficou muito tempo com o papagaio. Prometia-o sempre para a semana seguinte; ao cabo de seis meses, anunciou a partida de uma caixa; e não se falou mais nisso. Era de crer que Lulu nunca mais voltaria. “Devem tê-lo

roubado!” pensava ela.

Finalmente ele chegou –, e esplêndido, empertigado num galho de árvore, aparafusado em pedestal de mogno, com uma pata no ar, a cabeça meio de lado, e mordendo uma noz, que, por amor ao luxo, o empalhador pintou de dourado. Felicidade fechou-o no seu quarto.

Este lugar, onde ela recebia pouca gente, tinha, ao mesmo tempo, um aspecto de capela e de bazar, tantos eram os objetos religiosos e coisas esquisitas que continha.

Um grande armário tornava difícil abrir a porta. Diante da janela que se salientava para o jardim, havia uma claraboia dando para o pátio; sobre a mesa, perto da cama de lona, havia um jarro de água, dois pentes, e um cubo de sabão azul num prato lascado. Viam-se nas paredes: rosários, medalhas, diversas Virgem Maria, uma pia de água-benta de casca de coco; sobre a cômoda, coberta com um pano como um altar, o cofrezinho de conchas oferecido por Vítor; depois, um regador e uma bola, cadernos de caligrafia, a geografia ilustrada, um par de botinas; e no prego do espelho, pendurado pelas fitas, o chapeuzinho de pelúcia! Esta espécie de respeito levava Felicidade a ponto de conservar uma das sobrecasacas do senhor. Todas as velharias desprezadas pela Sra. Aubain, ela pegava-as para o seu quarto. Por isso é que tinha flores artificiais à beira da cômoda e o retrato do Conde de Artois no vão da lucarna.

Usando uma tabuinha, Lulu foi acomodado sobre uma saliência da lareira que avançava no quarto. Todas as manhãs, ao acordar, ela o avistava à claridade da aurora, e recordava então os dias idos, e insignificantes ações até em seus mínimos pormenores, sem dor, cheia de tranquilidade.

Não se comunicando com ninguém, vivia num torpor de sonâmbula. As procissões de *Corpus Christi* a reanimavam. Ia à casa das vizinhas em busca de archotes e capachos, a fim de ornamentar o altar que erguiam na rua.

Na igreja, contemplava sempre o Espírito Santo, e achou que ele tinha algo do papagaio. Esta semelhança lhe pareceu ainda mais evidente numa imagem de Épinal que representava o batismo de Nosso Senhor. Com suas asas de púrpura e seu corpo de esmeralda, era o próprio retrato de Lulu.

Tendo-a comprado, pendurou-a no lugar do Conde de Artois – de modo que, numa só mirada, os via juntamente. Associaram-se os dois na sua mente, achando-se o papagaio santificado por essa relação com o Espírito Santo, que se tornava mais vivo e inteligível a seus olhos. O Pai, para se manifestar, não pudera escolher uma pomba, visto que essas aves não têm voz, mas sim um dos antepassados de Lulu. E Felicidade rezava fitando a imagem, mas de vez em quando virava-se um pouco para Lulu.

Sentiu desejo de fazer os votos para ser uma filha de Maria. A Sra. Aubain dissuadiu-a disso.

Deu-se um acontecimento considerável: o casamento de Paulo.



Depois de ter sido, no começo, escrevente de cartório, e de haver trabalhado no comércio, na Alfândega, na Recebedoria, e até ter tentado entrar no serviço de águas e matas, de repente, aos trinta e seis anos, por uma inspiração celeste, encontrara o seu rumo: o cartório de registros! E nisto mostrara tão grandes aptidões que um fiscal lhe oferecera a filha, prometendo-lhe proteção.

Paulo, tornado homem sério, levou-a à casa de sua mãe.

A moça denegriu os costumes de Pont-l'Évêque, fez-se de princesa, magoou Felicidade. Quando ela saiu, a Sra. Aubain sentiu-se aliviada.

Na semana seguinte, soube-se da morte do Sr. Bourais, na baixa Bretanha, numa estalagem. O rumor de suicídio foi confirmado; levantaram-se dúvidas sobre a sua probidade. Sra. Aubain examinou as contas dele, e não tardou a saber de suas velhacarias: desvio de pagamentos atrasados, vendas de madeira em surdina, falsas quitações de dívidas etc. Além do mais, tinha um filho natural, e “relações com uma pessoa de Dozulé”.

Essas torpezas afligiram-na muitíssimo. No mês de março de 1853, ela foi acometida por uma dor no peito; sua língua parecia coberta de fumaça, as sanguessugas não lhe acalmaram a opressão; e na nona noite ela faleceu, com exatamente setenta e dois anos de idade.

Supunham-na menos idosa, devido aos seus cabelos castanho-escuros, cujos bandós lhe emolduravam o rosto muito pálido, marcado pela varíola. Poucos amigos a lamentaram, pois seus modos eram de uma soberba que afastava as pessoas.

Felicidade chorou-a, como não se choram os patrões. Que a senhora tivesse morrido antes dela, isso embaralhava suas ideias, parecia-lhe contrário à ordem das coisas, inadmissível e monstruoso.

Passados dez dias (o tempo de virem de Besançon), chegaram os herdeiros. A nora revistou as gavetas, escolheu uns móveis, vendeu outros, e depois o casal voltou aos registros.

E lá se foram a poltrona de patroa, sua mesinha de centro, o seu braseiro, as oito cadeiras! No lugar das gravuras desenhavam-se quadrados amarelos no meio dos tabiques. Havia levado as duas caminhas, com seus colchões, e no armário nada mais se via de todos os objetos de Virgínia! Felicidade subiu as escadas, tomada de tristeza.

No dia seguinte havia na porta um cartaz; o boticário gritou-lhe ao ouvido que a casa está à venda.

Ela cambaleou, e foi obrigada a sentar-se.

O que mais a desolava era ter de abandonar o seu quarto – tão cômodo para o pobre Lulu. Envolvendo-o num olhar de angústia, implorava o Espírito Santo, e adquiriu o costume idólatra de fazer as suas preces ajoelhada diante do papagaio. Às vezes, o sol, entrando pela lucarna, refletia-se no olho de vidro da ave, e dele fazia brotar um grande raio luminoso que a punha em êxtase.

A patroa legara-lhe uma renda de trezentos e oitenta francos. A horta abastecia-a de legumes. Quanto à roupa, tinha com que se vestir até o fim dos seus dias, e poupava a luz deitando-se logo que escurecia.

Pouco saía, para evitar a loja de quinquilharia, onde estavam expostos alguns dos antigos móveis. Desde quando desmaiara, puxava por uma perna, e, como lhe diminuía as forças, a velha Simon, arruinada com o armazém, vinha todas as manhãs rachar lenha e bombear-lhe a água.

Sua vista foi enfraquecendo. Já não abria as persianas. Passaram-se muitos anos. E a casa não se alugava nem se vendia.

Receando ser despedida, Felicidade não pedia que fizesse consertos. As ripas do teto apodreciam; durante todo um inverno pingou água em seu travesseiro. Após a Páscoa, ela cuspiu sangue.

A velha Simon, então recorreu a um médico. Felicidade quis saber o que tinha. Mas, devido à sua extrema surdez, só ouviu uma palavra, “pneumonia”, que lhe era conhecida. E ela replicou suavemente: “Ah! Como a senhora”, achando natural seguir a sua ama.

Aproximava-se a época das procissões e com seus altares.

O primeiro situava-se sempre ao pé da encosta, o segundo diante dos correios, o terceiro mais ou menos no meio da rua. Houve rivalidades quanto a este; e as paroquianas acabaram escolhendo o pátio da Sra. Aubain.

As sufocações e a febre aumentavam. Felicidade atormentava-se por nada poder fazer para o altar. Se ao menos pudesse pôr lá alguma coisa! E pensou no papagaio. Não ficava bem, objetaram as vizinhas. Mas o padre permitiu; sentiu-se tão feliz com isso que lhe rogou aceitar Lulu, quando ela morresse, sua única riqueza.

Da terça-feira ao sábado, véspera da festa de *Corpus Christi*, tossiu com mais frequência. À noite, seu rosto estava crispado, os lábios colavam-se às gengivas, vieram vômitos; e no dia seguinte, de manhãzinha, sentindo-se muito mal, mandou chamar um padre.

Três pobres mulheres a rodeavam durante a extrema-unção. Depois ela declarou que precisava falar com Fabu.

Ele chegou em vestes domingueiras, contrafeito naquela atmosfera lúgubre.

– Perdoe-me – disse ela, esforçando-se por estender o braço. – Eu pensava que você o tinha matado!

Que significava aquele falatório? Tê-lo sob suspeita de um assassinio, um homem como ele! E ele indignava-se, ia fazer algazarra.

– Ela já não sabe o que diz, vocês estão vendo!

Felicidade, de vez em quando, falava, dirigindo-se a sombras. As mulheres afastaram-se. A velha Simon foi comer.

Um pouco mais tarde, pegou Lulu e, aproximando-o de Felicidade:

– Vamos! diga-lhe adeus!

Embora não fosse um cadáver, os vermes o devoraram; com uma das asas quebrada, a estopa saía-lhe do ventre. Mas, agora cega, ela beijou-lhe a testa, e mantinha-o junto ao rosto. A velha Simon retomou-o, para colocá-lo no altar.

As pastagens emanavam o odor do verão; zumbiam moscas; o sol rebrilhava no rio, esquentava as ardósias. A velha Simon, que retornara ao quarto, dormitava tranquilamente.

Toques de sino despertaram-na; era a saída das vésperas. O delírio de Felicidade cessou. Pensando na procissão, ela a via, como se a acompanhasse.

Todas as crianças das escolas, os coristas e os bombeiros caminhavam pelas calçadas, enquanto, no meio da rua, avançavam em primeiro lugar: o suíço armado com sua alabarda, o coroinha com uma grande cruz, o professor vigiando os garotos, a religiosa preocupada com suas meninas; três das mais graciosas, vestidas como anjos, atiravam para o ar pétalas de rosas; o diácono, de braços abertos, regia a música; e dois turibulários voltavam-se a cada passo para o Santíssimo Sacramento, levado pelo Sr. Cura, em sua bela casula, sob um dossel de veludo avermelhado conduzido por quatro fabriqueiros. Uma onda humana acotovelava-se atrás, por entre as toalhas brancas que revestiam as paredes das casas; e chegavam ao pé da encosta.

Um suor frio molhava as têmporas de Felicidade. A velha Simon enxugava-a com um lenço, dizendo consigo mesma que um dia também teria que passar por isso.

O murmúrio da multidão cresceu, fez-se muito forte por um momento, depois distanciou-se.

Uma fuzilaria estremeceu as vidraças. Eram os mensageiros saudando o ostensório. Felicidade virou as pupilas e disse, o menos baixo que pôde:

– Ele está bem lá? – preocupadíssima com o papagaio.

Entrou em agonia. Um estertor, cada vez mais precipitado, alçava-lhe as costas. Golfadas de espuma saíam-lhe dos cantos da boca, e todo o seu corpo tremia.

Não tardou muito, distinguiu-se o ressoar dos oficlides, as vozes claras das crianças, a voz profunda dos homens. Por momentos tudo se calava, e o bater dos passos, amortecido por flores, fazia o rumor de um rebanho sobre a grama.

O grupo de sacerdotes apareceu no pátio. A velha Simon subiu numa cadeira para alcançar a claraboia, e assim podia ver o altar.

Grinaldas verdes pendiam sobre ele, ornado com uma cortina de renda da Inglaterra. Havia no centro um pequeno quadro com relíquias, duas laranjeiras nas quinas, e, por todo lado, castiçais de prata e vasos de porcelana, donde se elevavam girassóis, lírios, peônias, dedaleiras, buquês de hortênsias. Esse amontoado de cores resplandcentes descia obliquamente, do primeiro andar ao

tapete, prolongando-se no calçamento; e coisas raras atraíam os olhos. Um açucareiro de prata dourada tinha uma coroa de violetas, pingentes de pedras de Alençon brilhavam sobre o musgo, dois biombos chineses mostravam suas paisagens. Lulu, oculto sob rosas, deixava ver apenas a fronte azul, igual a uma placa de lápis-lazúli.

Os fabriqueiros, os coristas, os meninos enfileiraram-se nos três lados do pátio. O padre subiu lentamente os degraus e depôs sobre a renda o seu grande ostensório de ouro, que resplandecia. Todos se ajoelharam. Fez-se um grande silêncio. E os turíbulos, largamente balançados, deslizavam nas suas correntinhas.

Um vapor celeste subiu ao quarto de Felicidade. Ela alargou as narinas, sorvendo-o com uma sensualidade mística; depois, cerrou as pálpebras. Seus lábios sorriam. Os movimentos de seu coração afrouxaram aos poucos, cada vez mais vagos, mais suaves, como uma fonte seca, como um eco desaparece; e, ao exalar o último suspiro, ela acreditou ver, nos céus entreabertos, um papagaio gigantesco, pairando acima da sua cabeça.